

# Diagnóstico Tardio De Transtorno Do Espectro Autista: Consequências Emocionais e Sociais

Paulo Sérgio da Silva<sup>1</sup>  
Natalia Rosa (orientadora)<sup>2</sup>

## RESUMO

Por meio de revisão bibliográfica, o presente artigo propôs reflexões acerca das consequências do diagnóstico tardio em adultos com TEA (Transtorno do Espectro Autista). Nas últimas décadas surgiram muitas descobertas sobre as pessoas com o transtorno, ampliando a identificação de sinais e facilitando o diagnóstico. Entretanto, ainda há poucos estudos relacionados ao diagnóstico do TEA na população adulta com características mais sutis do transtorno. Profissionais da área de psicologia, pedagogos, educadores parentais e sociedade em geral têm muito a ganhar ao refletir e se informar mais no que tange ao tema proposto, pois, apesar de terem surgido bastantes pesquisas nas últimas décadas a respeito do TEA, ainda se faz necessário difundir informações, aprofundar as pesquisas relacionadas e proporcionar reflexões nos diferentes ambientes sociais, para que possamos desmistificar muitas ideias errôneas, promover maior inclusão, e desse modo, evitar sofrimento psíquico, depressão e ideações suicidas na população adulta com transtorno do espectro autista.

**Palavras-chave:** Transtorno autístico. Diagnóstico tardio. Dificuldades diagnósticas. Depressão. Suicídio.

## 1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, cada vez mais pessoas foram diagnosticadas com a síndrome do espectro autista, revelando a muitos adultos o diagnóstico de sua condição. Tais adultos tiveram esclarecimentos sobre suas dificuldades de interação social devido ao diagnóstico, bem como, puderam esclarecer para si todas as dificuldades presentes em seu desenvolvimento, desde sua infância até a fase adulta.

As dificuldades de interação social ocasionam consequências muitas vezes irreversíveis nos indivíduos, gerando sofrimento psíquico, distanciamento social, sensação de não-enquadramento nos moldes comportamentais vigentes da

---

<sup>1</sup> Acadêmico do curso de Psicologia da Faculdade Anhanguera- Campus Valparaíso de Goiás.

<sup>2</sup> Orientadora. Docente do curso de Psicologia da Faculdade Anhanguera- Campus Valparaíso de Goiás.

sociedade, além de perderem a oportunidade de receberem uma educação formal mais adequada às suas especificidades. As consequências de um diagnóstico tardio na vida de uma pessoa com transtorno do espectro do autismo são inúmeras e preocupantes, abrangem desde dificuldades na convivência e interações sociais até problemas relacionados à depressão e suicídio.

Neste artigo buscou-se discutir e apresentar dados a respeito do sofrimento psíquico das pessoas com TEA (Transtorno do Espectro Autista) com diagnóstico tardio e suas implicações em seu desenvolvimento, com o objetivo de refletir a respeito das consequências do diagnóstico tardio em adultos com TEA, a fim de compreender a respeito do sofrimento psíquico dos indivíduos, para que os profissionais de saúde, especialmente da área de psicologia, possam ofertar assistência mais adequada à população especificada.

Refletir e buscar mais esclarecimento a respeito da condição do TEA se faz cada dia mais necessário em nossa sociedade, para que, ao possuir mais informação a respeito, tanto os indivíduos com TEA, quanto os seus familiares e a sociedade em geral, possam adquirir habilidades necessárias para contribuir para a saúde das pessoas com necessidades especiais, garantindo seus direitos humanos e estimulando a sociedade a valorizar a diversidade.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 Metodologia**

A partir da revisão bibliográfica de estudos dos últimos cinco anos, esta pesquisa qualitativa e descritiva recorreu aos relatos experientes de profissionais como Fred. R. Volkmar, professor e pesquisador da *Yale University School of Medicine*, da neuropediatra Deborah Kerches, especialista em Transtorno do Espectro Autista e Saúde Mental Infantojuvenil, dentre outros profissionais renomados. Este trabalho promoveu reflexões a respeito do sofrimento psíquico das pessoas com Transtorno do Espectro Autista com diagnóstico tardio, bem como, suas consequências ao longo do desenvolvimento desses indivíduos, abrangendo os aspectos psicológicos e emocionais.

Por meio de livros e de pesquisas publicadas em bases eletrônicas de dados, como: *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Literatura Latino-Americana e do

Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), além de repositórios universitários e periódicos, foi realizada revisão de literatura para a elaboração do trabalho de conclusão do curso de psicologia, o qual está inserido no macrotema Psicologia e Atenção à Saúde. Foi realizado aprofundamento do embasamento teórico proposto, acompanhado de reflexão teórico-crítica, que acompanhou toda a escrita do trabalho de conclusão de curso.

Inicialmente, foi realizada uma leitura prévia dos títulos e resumos dos artigos, selecionados através da utilização dos descritores: transtorno autístico; diagnóstico tardio; dificuldades diagnósticas; depressão. Mesmo diante da dificuldade de encontrar pesquisas publicadas relacionadas ao diagnóstico tardio de transtorno do espectro autista em adultos funcionais, foram selecionados os artigos e livros com informações importantes para a realização do trabalho. Em seguida, foi realizada a leitura completa dos artigos selecionados, com a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão. E, por fim, foi realizada extração dos dados relevantes para integrar a presente revisão sistemática.

## **2.2 Resultados e Discussão**

Neste artigo foram apresentados dados a respeito do sofrimento psíquico dos indivíduos com Transtorno do Espectro Autista com diagnóstico tardio. Foi possível verificar as implicações no desenvolvimento e interação social de indivíduos adultos com TEA tardiamente diagnosticados, como resultado verificou-se que, os mesmos adquirem sofrimento psíquico importante.

Estudiosos como Menezes (2020), Shaw et. al (2021), citados por Nalin (2022), fizeram várias análises e identificaram algumas limitações do diagnóstico precoce. Fatores dificultadores do diagnóstico incluem: falta de conhecimento acerca da variedade de sintomas presentes no transtorno por parte dos profissionais de saúde; falta de informação e a baixa escolaridade dos pais; acesso precário à saúde; deficiência e/ou falta de políticas públicas ou da implementação dessas políticas; bem como, a presença de outros transtornos mentais e de função cognitiva reduzida presentes em parte da população com TEA.

Pessoas com transtorno do espectro autista possuem altas taxas de doenças psiquiátricas e são diagnosticadas com maior constância, quando comparadas com a população em geral. Fusar-Poli, et al., (2020), apud (NALIN et al., p. 08), detectou

que, a ansiedade foi constatada na população geral com 27%, enquanto na população com TEA identificaram o índice de 42%. Índices maiores também foram encontrados para as pessoas com TEA quando pesquisou-se sobre transtornos depressivos e ideação suicida, sendo o resultado estimado em: 11% para a população em geral e 66% para indivíduos com TEA. Os dados encontrados contribuem para esclarecimento de fatores que impossibilitam ou dificultam a busca de intervenções pelos indivíduos com TEA, pois, é improvável que a pessoa acometida de sofrimento psíquico grave procure ajuda especializada.

Sabendo que 1% (um por cento) da população adulta é diagnosticada com TEA, de acordo com estudos epidemiológicos disponibilizados por Michelle Zaíra M. Menezes (2020, p. 24), estudos longitudinais precisam ser realizados para maior precisão diagnóstica, pois, a porcentagem apresentada representa quantidade significativa de pessoas com sofrimento. Além dos diagnosticados, há sofrimento dos seus familiares, o que aumenta o quantitativo de pessoas que carecem de assistência psicológica e de maior esclarecimento, para que a rede de apoio do indivíduo com TEA possa ampará-lo, bem como, possa adquirir mais equilíbrio emocional.

### **2.2.1 A importância do diagnóstico na infância**

Na contemporaneidade ainda há muita desinformação e/ou desinteresse social pela inclusão de pessoas com necessidades especiais, fato que gera preconceito e desrespeito aos indivíduos com TEA (Transtorno do Espectro do Autismo). Muitas pessoas possuem o transtorno autístico e conseguem ser funcionais em seu cotidiano, tanto que, suas dificuldades de socialização, de aprendizagem, dentre outras, acabam passando despercebidas até a fase adulta. Porém, as consequências negativas em seu desenvolvimento e também as dificuldades nas habilidades sociais continuam na vida desses indivíduos, ocasionando sofrimento emocional significativo.

De acordo com o DSM -V (2014), o transtorno do espectro autista apresenta características como “prejuízo persistente na comunicação social recíproca e na interação social (Critério A) e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (Critério B)”. Ainda faz parte das características, o fato de que esses sintomas estão presentes desde o estágio inicial da infância e limitam ou

prejudicam o funcionamento diário. (Critérios C e D).

A neuropediatra Deborah Kerches, especialista em Transtorno do Espectro Autista e Saúde Mental Infantojuvenil, contribui significativamente para a difusão de mais esclarecimento em relação ao TEA. Em sua obra recente, oferta informações para identificação do diagnóstico por leigos e explana sobre características do transtorno. Kerches (2022) reúne diversos pesquisadores em sua obra, especialistas, mestres e doutores que dedicam seus estudos a fim de contribuir para que os indivíduos que estão dentro do espectro possam se desenvolver mais, adquirir habilidades sociais e por fim, conquistar mais qualidade de vida. Dentre os autores reunidos está Reinaldo de Souza Araújo.

Para Araújo (2022), quanto mais cedo o indivíduo com TEA for estimulado, maiores serão as chances de ele conquistar aprendizados necessários para a vida em sociedade, devido a maior capacidade plástica neural em indivíduos cujo desenvolvimento esteja sendo formado, ou seja, nas crianças. “É comprovado cientificamente que, quanto mais cedo voltarmos nosso olhar para essas questões sociais, melhores serão os resultados.” (KERCHES, 2022, p. 210). Araújo lembra que, embora o sistema nervoso esteja em construção na fase da infância, possibilitando às crianças muita facilidade em aprender devido a uma velocidade maior das sinapses, há plasticidade neural ao longo da vida. Desse modo, os estímulos para aprendizados sociais devem ocorrer a qualquer tempo após o diagnóstico do transtorno do espectro autista. Quanto mais cedo o diagnóstico do TEA for realizado, melhor será a adaptação do indivíduo; com o apoio necessário dos pais, cuidadores e professores, os ensinamentos explícitos podem fazer diferença positivamente na vida do jovem e do adulto com TEA.

A adolescência é marcada por muitas transformações físicas e cognitivas no desenvolvimento humano, sendo típico ou atípico o indivíduo sofre um turbilhão de transformações que, se bem orientados, os sofrimentos futuros podem ser minimizados. Para o adolescente com TEA esse processo pode ser ainda mais difícil, devido às suas especificidades. Para as pessoas cuja verbalização é satisfatória a fase de desenvolvimento será mais tranquila, caso receba orientação explícita do que pode ou não ser feito, de acordo com as regras sociais. Fred E. Volkmar e Lisa a. Wiesner (2019) dizem que: “Embora os problemas variem com os níveis das habilidades cognitivas e comunicativas, as alterações corporais, a maturação sexual e as emoções envolvem desafios”. (VOLKMAR e WIESNER,

2019, p. 197).

Volkmar e Wiesner (2019) orientam acerca da fase pré-adolescente do indivíduo com TEA, os autores afirmam que há necessidade de explicações detalhadas sobre como se comportar socialmente, devido a dificuldades que eles possuem para internalizar regras sociais.

Algumas crianças, em particular aquelas com função superior, podem ser muito motivadas a ter um namorado ou namorada, e algumas vezes essa motivação extra as ajuda a alcançar ganhos significativos. É importante perceber que o desejo sexual está muito atrelado a sentimentos sobre relacionamentos – devido aos problemas com as competências sociais, isso é muito complicado para o adolescente com TEA e em geral é necessário ensino explícito. (VOLKMAR e WIESNER, 2019, p. 199).

O diagnóstico na infância pode minimizar muitas dificuldades na vida do indivíduo com TEA, pois o indivíduo poderá receber o apoio adequado para se desenvolver e se inserir na sociedade de modo mais eficaz e menos traumático para si. Quando tal situação não ocorre com o adulto com TEA, principalmente em adultos mais funcionais, o desconforto e a sensação de inadequação social podem gerar bastante sofrimento. Michelle Zaira M. Menezes (2020, p. 24) relata que 1% (um por cento) da população adulta é diagnosticada com TEA, de acordo com estudos epidemiológicos. O índice demonstra que uma parcela significativa da sociedade precisa de mais orientações, para que possam usufruir de mais qualidade de vida e equidade. Investigações científicas relacionadas ao Transtorno autístico se fazem necessárias e urgentes na atualidade.

### **2.2.2 Consequências emocionais e sociais do diagnóstico tardio**

O grupo de adultos funcionais que possuem transtorno do espectro autista apresenta comprometimentos menos evidentes, desse modo, há um mascaramento de sinais e sintomas importantes para o diagnóstico de TEA. Há dificuldades em diagnosticar o adulto devido às mudanças dos procedimentos de diagnósticos, bem como, pelo fato de adultos funcionais apresentarem comprometimentos menos óbvios de sinais e sintomas de TEA. “[...] os sinais e sintomas de TEA podem ficar obscuros por outras condições comórbidas como transtorno de ansiedade social, transtorno obsessivo-compulsivo e transtorno esquizoafetivo.” (MENEZES, 2020, p. 24).

As dificuldades podem ocorrer mesmo com adequação social satisfatória, pois, na medida em que a pessoa sente desejo de se inserir na sociedade, o sentimento de inadequação também aparece, fato que pode provocar novos problemas de saúde mental. “Para aqueles mais aptos do ponto de vista cognitivo, estes mais frequentemente incluem maiores dificuldades com problemas de depressão e ansiedade.” (VOLKMAR e WIESNER, 2019, p. 203).

Há muitas consequências emocionais e disfuncionalidades nas relações interpessoais em indivíduos com TEA, pois, devido ao fato de não entenderem suas características, muitos se sentem culpados por não se encaixarem em convenções comportamentais sociais. Menezes (2020) afirma que a falta do diagnóstico e de tratamento precoce ocasionam vários prejuízos na “memória operacional, funcionamento executivo, atenção, memória episódica, formação de conceitos, controle inibitório, flexibilidade cognitiva e velocidade de processamento cognitivo.” (NALIN et. al. (2022), p. 08).

Nalin et.al. (2022) apresentam as taxas mais altas de doenças psiquiátricas em pacientes com TEA, em comparação a pessoas que não possuem o transtorno.

[... as taxas de doenças psiquiátricas são maiores em pessoas com TEA do que na população em geral, a exemplo, a prevalência de transtornos de ansiedade foi estimada entre 27 e 42% para TEA, entre 23 e 37% para transtornos depressivos e entre 11 e 66% para ideação suicida (Fusar-Poli, et al., 2020). Ademais, isso impossibilita a pessoa com o TEA de buscar intervenções para melhoria de qualidade de vida, de inserção social, do aperfeiçoamento de suas habilidades e de planejamento adequado do tratamento, o que gera sofrimento para si e para as pessoas próximas. (NALIN et. al. (2022), p. 08).

Adultos com TEA possuem maiores chances de desenvolver depressão, autolesão e pensamentos de suicídio. Victor Ruggieri (2020), alerta sobre maior incidência de casos de depressão em indivíduos que possuem o transtorno do espectro autista. Para Ruggieri (2020) há bastante dificuldade em detectar depressão nessas pessoas, devido ao fato de que as características se manifestam de maneira diferente de um indivíduo com comportamento típico. “Neles, a depressão pode se manifestar com inquietação e insônia e não com sentimentos de tristeza, como seria de se esperar, por isso é fundamental estar atento e não justificar todos os problemas ao autismo.” (RUGGIERI, 2020, p. 01). Há bastantes desafios na identificação de depressão em pessoas autistas, pois as características muitas vezes são: inquietação, insônia. Já na população em geral verifica-se comumente sentimentos de tristeza. É fundamental que os profissionais estejam

atentos, para que não se atribua os comportamentos citados exclusivamente ao autismo. Segundo Ruggieri,

A depressão é um transtorno mental sofrido por mais de 300 milhões de pessoas no mundo, atinge mais mulheres e é a principal causa global de incapacidade. Caracteriza-se pela presença de tristeza, perda de interesse ou prazer, sentimento de culpa ou falta de autoestima, distúrbios do sono ou do apetite, sensação de cansaço e falta de concentração. (RUGGIERI, 2020, p. 01).

Ruggieri (2020) cita informações importantes a respeito dos níveis basais na população com TEA, ele relata que jovens em sua fase inicial da vida adulta, possuem níveis basais mais altos comparativamente com os níveis caracterizados e listados no DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), em relação às características da depressão em pessoas típicas. Sendo assim, a detecção da depressão se torna peculiar e o diagnóstico pode vir a ser excessivo ou subnotificado. O autor alerta que os indivíduos com TEA possuem risco aumentado de depressão, pois há maior incidência de pensamentos constantes com características depressivas. O estudioso afirma ainda que:

Muitos deles têm um histórico de depressão, assédio e solidão. É essencial a detecção precoce da depressão, desenvolver ferramentas adequadas para o diagnóstico no autismo, bem como, gerar conscientização sobre o risco de ideação ou suicídio, um problema que somente nos últimos anos foi abordado com maior profundidade. (RUGGIERI, 2020, p. 02).

Para o autor, é necessário que profissionais de saúde e familiares fiquem atentos aos sinais de alerta, para que, seja possível identificar e tratar as pessoas autistas adequadamente. De acordo com Ruggieri (2020), há falta de ferramentas diagnósticas adequadas para detecção da presença da depressão na população especificada. E afirma que há necessidade de pesquisas e tratamentos terapêuticos específicos. É necessário desenvolver abordagens terapêuticas para atendimento adequado para autistas, incluindo a família e o meio social. Desse modo, após o diagnóstico tardio, ainda será possível adquirir muitos aprendizados, e conseqüentemente as relações interpessoais poderão ser beneficiadas na fase adulta.

Nalin et. al. (2022), afirmam que o diagnóstico tardio se torna um desafio para a medicina, pois nesses casos será difícil acessar a história do desenvolvimento do transtorno. Sendo assim, é fundamental levar em conta os relatos e as queixas dos pacientes, bem como, os relatos de cuidadores; para a construção de um diagnóstico mais preciso.

O levantamento realizado por Nalin et. al. (2022) apontou vários fatores relevantes que explicam a dificuldade do diagnóstico.

Após a análise dos estudos foram identificadas algumas limitações do diagnóstico precoce, como a falta de conhecimento acerca da variedade de sintomas presentes no transtorno por parte dos profissionais de saúde, a falta de informação e a baixa escolaridade dos pais, a falta de acesso à saúde, por falta de políticas ou da implementação destas, e a presença concomitante de outros transtornos mentais e de função cognitiva reduzida (Menezes, 2020; Shaw, et al., 2021). Além disso, as diferenças de gênero também tem influência no diagnóstico. As mulheres o recebem em idade mais avançada, aos 26 anos, enquanto os homens recebem aos 22. Tal fato pode ser explicado por comportamentos sociais do gênero feminino, como melhor comunicação, comportamento mais ativo e interesses menos excêntricos (Gesi et al., 2021). (NALIN et. al., (2022), p. 07).

Apesar das consequências lamentáveis do diagnóstico tardio, os adultos com TEA encontram redenção e alívio ao receberem o diagnóstico, pois encontram enfim, uma explicação para sua inadequação social, o entendimento do porquê de todo o seu comportamento oferta certa paz às pessoas com TEA. Menezes (2020) afirma que:

Os pacientes alegam que a diagnose formal trouxe aumento do senso de auto aceitação e auto compreensão, apontou estratégias e intervenções antes não imaginadas para melhoria de qualidade de vida, ajudou a conseguir e a reter senso próprio de normalidade, além de dissipar dúvidas gerais e sobre si mesmos e pesares. (MENEZES, 2020, p. 25)

Menezes (2020) aponta o alívio que o diagnóstico tardio pode proporcionar, porém, ressalta que, ter passado a vida percebendo ser diferente dos outros pode gerar ansiedade para os indivíduos; e ainda, não apaga traumas e dificuldades que foram enfrentadas no passado. Porém, o diagnóstico permite menor dureza consigo mesmos.

De acordo com Volkmar e Wiesner (2019) muitos indivíduos com TEA adquirem muitas habilidades cognitivas na fase adulta, mas continuam a precisar de competências para a vida em sociedade. “O envolvimento familiar é essencial no ensino de competências adaptativas no mundo real (capacidades para autossuficiência pessoal e independência).” (VOLKMAR e WIESNER, 2019, p. 203). O apoio familiar e o acompanhamento profissional de médicos, psicólogos, dentre outros, são fundamentais para melhor adaptação social e bem estar pessoal para quem possui o transtorno do espectro autista.

### 3 CONCLUSÃO

Indivíduos com transtorno do espectro autista que demonstram mais funcionalidade no cotidiano também necessitam de apoio familiar e profissional, para que possam ter mais qualidade de vida e melhor interação social. A insuficiência de informações relacionadas à pessoa na fase adulta com TEA resulta em dificuldades de socialização, levando o indivíduo ao sofrimento por não entender vários códigos de convivência social. Tal dificuldade pode ocasionar depressão e/ou ideação suicida.

A identificação de depressão em pessoas autistas é peculiar, pois, em muitos casos, as características são: inquietação, insônia. Já na população em geral é mais comum constatar sentimentos de tristeza. Muitos indivíduos com TEA crescem, se desenvolvem, mas as dificuldades de socialização e a incompreensão de suas características incomuns, comparativamente a sociedade de maneira geral, deixam marcas de sofrimento.

A pessoa com o TEA deve buscar intervenções para melhoria de qualidade de vida, de inserção social, do aperfeiçoamento de suas habilidades. Porém, para que isso ocorra, se faz necessário o diagnóstico da condição autista na vida do indivíduo. Há necessidade de pesquisas e tratamentos terapêuticos específicos. Na atualidade, as pesquisas dedicadas à identificação do transtorno autístico na fase adulta ainda não avançaram de maneira satisfatória, devido às peculiaridades dos casos. É necessário desenvolver abordagens terapêuticas para atendimento adequado para autistas, incluindo a família e o meio social, para que os profissionais de saúde, psicólogos e a família possam ofertar assistência mais adequada à população com TEA.

Embora as consequências do diagnóstico tardio sejam lamentáveis, os adultos com TEA encontram alívio ao receberem o diagnóstico, pois se deparam, enfim, com uma explicação para sua inadequação social e passam a entender o porquê de todo o seu comportamento. Embora o sistema nervoso esteja em construção na fase da infância, possibilitando às crianças muita facilidade em aprender, por causa da velocidade maior das sinapses, há plasticidade neural ao longo da vida. O diagnóstico, mesmo tardio, oferta certa paz às pessoas com TEA. Bem como, possibilita aos adultos o aprendizado de habilidades que não foram oportunizadas na infância.

## REFERÊNCIAS

DSM-5. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2014. Disponível em: [https://www.alex.pro.br/DSM\\_V.pdf](https://www.alex.pro.br/DSM_V.pdf). Acesso em 24 out. 2022 às 10h18min.

KERCHES, Deborah. **Autismo ao longo da vida**. São Paulo, SP. Editora Literare Books International, 2022.

MENEZES, Michelle Zaíra Maciel. **O diagnóstico do transtorno do espectro autista na fase adulta**. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/35946>. Acesso em: 15 out. 2022.

NALIN, Luísa M. et.al. **Impactos do diagnóstico tardio do transtorno do espectro autista em adultos**. Research, Society and Development, v. 11, n. 16, e382111638175, 2022 (CC BY 4.0) | ISSN 2525-3409 | Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i16.38175>. Acesso em 10 mar. 2023.

RUGGIERI, Victor. **Autismo, depressão e risco de suicídio**. 2020. Medicina (B. Aires) vol.80 supl.2 Cidade Autônoma de Buenos Aires, mar. 2020. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/scielo>. Acesso em 10 mar. 2023.

VOLKMAR, Fred R.; WIESNER, Lisa A. **Autismo: guia essencial para compreensão e tratamento**. Porto Alegre. Editora Artmed, 2019.